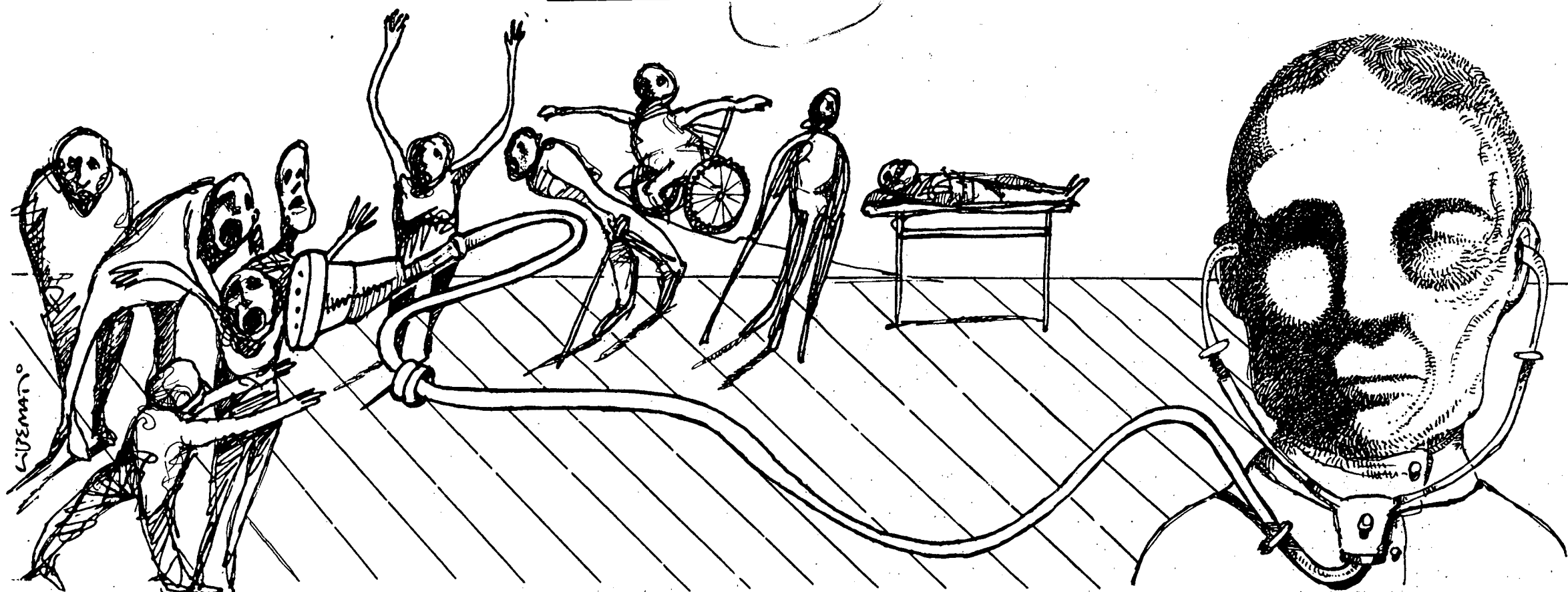




A médica

‘A cada plantão uma sensação de derrota’

PATRICIA BRASIL *
Cara Marguerite Yourcenar:

As vivências são incomparáveis. Mas sua capacidade de expressão, clareza e sabedoria me permitem acreditar que posso imaginar o sofrimento dos exilados do período de ocupação nazista. E reflito sobre os hitlers de cada época. Ou os mussolinis, ou os napoleões, pouco importa.

Sai hoje do plantão com o desejo de que você pudesse assistir a essas dolorosas horas de vivência de uma realidade tão cruel e banalizada por nossa sociedade. Quando falo “sociedade”, sinto uma diluição de responsabilidade, mas me incluo completamente nela. Tento fazer o meu melhor, mas “meu melhor”, além de não ser o melhor, não é suficiente. Desprovida de forças e ânimo tenho, ao final do dia, a sensação de derrota por alguma coisa maior e mais forte, que não tem nome, idade, origem; não tem nenhuma doença psiquiátrica, não tem forma, cor ou cheiro. É um monstro invisível que tenta destruir a paciência, a solidariedade, a compreensão, o amor, a paixão... Não permite que haja igualdade, respeito, atenção; ri do nosso esforço, aplicação e dedicação, apostando sempre no insucesso geral. Coloca fogo pelo nariz e quando tudo são labaredas assiste à ingenuidade com a qual levantamos sempre a mesma mangueira, para apagar o último fogo de um incêndio inacabável...

Choro. Choro porque não

queria ver nem viver tudo isto. Queria que fosse diferente! Que nada disso existisse! Que não morressem tantas crianças, que nenhuma ficasse seqüelada. Mas eu não sei nada, não sei como nem o que fazer para mudar o perfil do nosso destino. Sinto as cicatrizes ainda abertas desta época, deste momento de miséria, fome e doença. Odeio este monstro invisível e disforme que não consigo destruir nem atacar, e que tenta por tudo minar nossa última arma, que não é secreta, não se compra ou vende, e que só acaba onde não existe o amor. Poderia dar diversos nomes para ele, mas sua personalidade indefinida não permite que o comparemos a Napoleão, Mussolini, Hitler, ou a quem quer que seja. Se tivesse assumido uma forma talvez pudéssemos atingi-lo, mas nem disso o covarde é capaz.

Marguerite, em te olhando no final do plantão desejei muito que essas experiências inesquecíveis me transformassem em um ser mais maduro, em alguém maior e tão naturalmente sábio como você. Que eu tivesse mais serenidade diante da vida e dos limites que ela me impõe. Que o desejo de transformar não se transforme em agonia, mas em uma superioridade de plano espiritual que me permita ver e agir com maior clareza e eficiência para um mundo melhor.

* Médica do Instituto Estadual de Infectologia São Sebastião, doutoranda do Instituto Oswaldo Cruz — Fiocruz

O estudante

‘Somos tapa-buracos num sistema arrasado’

ADRIANO AMARAL DE AGUIAR *

As cenas lamentáveis de pacientes morrendo às portas de um hospital de emergência infelizmente já não chocam tanto assim os estudantes de medicina.

Os acadêmicos, como são chamados os estudantes nas emergências, entram para estes hospitais com o intuito de aprender e o ideal de salvar vidas; mas percebem logo cedo que a lógica lá dentro é outra. Desde o primeiro dia já têm que assumir sozinhos o grosso do atendimento do hospital e se dão conta de que não foram contratados como estagiários, mas como mão-de-obra barata e como tapa-buracos de médicos que não estão ali para trabalhar.

É revoltante ver médicos que fogem dos acadêmicos para não ter que ver pacientes; é igualmente ridículo prescrever um medicamento que o paciente não vai poder comprar; e é ultrajante administrar uma droga desnecessária a um paciente, podendo até matá-lo, porque um aparelho de pressão não está funcionando corretamente.

Enquanto isso, numa universidade pública como a minha, que deveria formar profissionais dispostos a mudar a realidade da saúde pública no Brasil, o que se observa é que o interesse prioritário dos estudantes é ter um consultório em Ipanema e ganhar muito dinheiro.

Não que eu também não queira ganhar dinheiro, e é óbvio que a maioria dos estudantes que estão ali veio das camadas mais favorecidas e está querendo apenas manter seu padrão de vida. Mas o que eu estou querendo chamar atenção é que a uni-

versidade não prepara a cabeça do estudante para mudar realidade alguma.

O resultado de tudo isso é que muitos de nós, ao se deparar com o sistema de saúde desmantelado, se assustam diante da própria impotência frente à situação e acabam aprendendo muito cedo o que muitos médicos também aprenderam: endurecem a alma e perdem o sentimento de solidariedade para com o doente.

Cenas como as que aparecem na televisão são injustificáveis. Mas é preciso ter clareza para não transformar o médico em bode expiatório da história.

A população em geral, inconscientemente, tende a associar a imagem do médico à de um semideus idealizado. Novelas e seriados de TV ajudam nesta glamorização. Acontece que o médico é um ser humano como outro qualquer, e como tal está sujeito à situação humanamente insuportável de ter que trabalhar doze horas seguidas num lugar estressante como um hospital, e ainda ser obrigado a dar um plantão noturno para poder ganhar um salário que proporcione minimamente o sustento de sua família.

Os médicos omissos de hoje foram jovens acadêmicos idealistas no passado que escolheram salvar vidas como profissão. Dignificar a profissão do médico tem que ser prioridade nacional pois a praga da filosofia do “cada um por si” se alastra como um câncer pelas escolas médicas de todo o país.

* Aluno do 5º ano da Faculdade de Medicina da UFRJ

O paciente

‘O tratamento que recebi mostra que há solução’

NELSON PINTO DE ANDRADE *

Fazia uma manhã ensolarada no domingo, dia 10 de dezembro último. De repente, uma dor lancinante, um mal-estar que vinha do estômago e tomava o corpo inteiro. Fazia quatro dias que não me sentia bem. Cheguei a me consultar com um médico particular, mas ele não soube dizer de que mal eu estava sofrendo. Então chegou o domingo.

Contorcendo-me em dores, fui levado por familiares ao hospital mais perto de casa, o Cardoso Fontes, na Praça Secca, Jacarepaguá. Tenho 78 anos e nunca precisei ser internado antes, mas por tudo que leio e vejo na TV não pude deixar de sentir apreensão por fazer minha “estréia” justamente num hospital público. Me imaginava enfrentando filas, sendo jogado em macas sem colchão e correndo sérios riscos de contrair uma infecção hospitalar. Felizmente, meus temores se mostraram infundados.

Ao chegar no Cardoso Fontes, fui prontamente atendido pelo jovem médico de plantão, que providenciou as radiografias necessárias e diagnosticou que havia uma hérnia comprimindo meus intestinos. Fui transferido direto para a sala de cirurgia e não vi mais nada, mas nos nove dias em que fiquei internado, pude enxergar com surpresa que ainda há coi-

sas que funcionam no serviço público.

Durante todo o período pós-operatório, fui tratado com toda solicitude e humanismo por todos, dos seguranças aos médicos, passando por atendentes e corpo de enfermagem. Havia enfermeiras monitorando meu estado dia e noite, a toda hora vinha gente desinfetar o ambiente e a comida (dentro dos limites possíveis em se tratando de “comida de hospital”) era saborosa.

Posso mesmo dizer que tive neste hospital público, sem pagar qualquer tostão, um atendimento que só esperava receber numa dessas caríssimas casas de saúde — e que estaria fora das minhas posses, já que estou aposentado há mais de 20 anos pelo INSS e há tempos tive de cancelar meu plano de saúde devido aos constantes aumentos na mensalidade.

Hoje me encontro em casa, recuperando-me bem da operação. Voltei há alguns dias ao Cardoso Fontes para uma consulta de revisão e aproveitei a oportunidade para agradecer a todos os que cuidaram tão bem deste simples trabalhador anônimo. Tenho certeza de que, assim como aconteceu comigo, toda a população poderia receber dos hospitais públicos um serviço digno e eficiente. Profissionais capazes não faltam. O que falta é um pouco de boa vontade — e dinheiro.

* Desenhista aposentado